

Comunicação Oral

Juventude, processos educativos e trabalho

**JUVENTUDES PERIFÉRICAS: UMA AUTONOMIA POSSIVEL NO ÂMBITO DAS PERSPECTIVAS
EDUCATIVAS/ ARTISTICAS/ CULTURAIS**

Autor: Silvana Mendes Lima: professora/orientadora da Universidade Federal Fluminense –
Niterói/RJ

Co-autores: Suanny Nogueira de Queiroz; Ana Carolina Videira Sant'Anna;
alunas/pesquisadoras da Universidade Federal Fluminense - Niterói/RJ.

Este estudo traz como campo de inspiração os trabalhos desenvolvidos por uma Organização Não-Governamental, o Espaço Cultural da Grotta. Buscamos compreender os diferentes sentidos expressos na condição de aprendiz, no caso da Grotta, os aprendizes de música, tomando por empréstimo a acepção grega de um aprendiz experimentador de si. Tal acepção lança o jovem para além das significações dominantes, tornando o aprendiz um leque de possibilidades a ser continuamente inventado. A pesquisa é orientada pelo desenvolvimento da Pesquisa-Intervenção que se caracteriza por uma metodologia de ação que visa promover coletivamente a criação de formas alternativas de abordar as questões suscitadas durante um trabalho de pesquisa. (Rocha & Aguiar, 2003). Para a produção da análise coletiva utilizamos como dispositivo as Rodas de Conversa. Trata-se de um método que consiste em criar espaços de diálogo e de escuta para estimular a troca de informações e de reflexão para a ação. Objetiva-se a partir da coletivização e circulação da palavra criar um espaço comum capaz de produzir processos autônomos com relação às problemáticas próprias ao plano de experiência dos sujeitos. A ideia de produção de processos coletivos autônomos é compreendida por meio do que Guattari (1987) sinaliza acerca da importância de engendrar uma função de autonomia nas formas de vida e trabalho. Essa função encontra-se plasmada nos diferentes domínios da vida social e se expressa no nível da produção de subjetividade. Para tanto se faz necessário criar os meios de focar a problemática da juventude, no caso de nosso estudo, na sua relação com o campo social, assim como atentar para a sua especificidade no que se refere à natureza de seus projetos que trazem no caso da ONG, como intercessores os campos da arte e da cultura. Deparamo-nos com algumas fragilidades de ordem burocrática, técnico e administrativo que emperram a produção de uma autonomia possível, entre elas: uma segmentação entre a gestão social dos projetos e a gestão financeira; presença de um corpo técnico e administrativo que, embora extremamente competente, considerando os seus diferentes campos de atuação, se dedica de forma voluntária ao Espaço Cultural da Grotta. Observa-se que essa forma institucionalizada de prestação de serviços traz, em contrapartida, seus efeitos colaterais: descontinuidades de parte dos projetos implementados e

vulnerabilidades quanto à montagem de um projeto político-educativo comum que norteie as ações tecidas a partir dos objetivos mais gerais da ONG. Mesmo considerando todos esses impasses o Espaço Cultural da Grota vêm apostando na potência dos processos de criação que seus aprendizes fazem operar no encontro que passam a estabelecer com a arte, especialmente em sua expressão musical. Novos sentidos e maneiras de existir são, de fato, criados, cumprindo-se, desse modo, a constituição de um espaço de experimentação que investe na arte como instrumento/ estratégia de transformação.

Palavras-chave: juventudes periféricas; educação; arte